



**CAROLINA MARIA DE JESUS E MARIA FIRMINA DOS REIS:  
ESCRITORAS NEGRAS NA SALA DE AULA**

Renato Kerly Marques Silva<sup>1</sup>

**Resumo:** este trabalho discute sobre a necessidade de utilização de textos literários de autoras e autores negros em aulas de literatura para o ensino médio. Além disso, trata sobre a experiência desenvolvida com a utilização, em atividades do Ensino Médio, de textos das escritoras Carolina Maria de Jesus (1914-1977) e Maria Firmina dos Reis (1825-1917), no Centro de Ensino Cruzeiro do Sul, localizado na cidade de São Luís (MA).

**Palavras-chave:** Escritoras Negras; Literatura Brasileira; Ensino de Literatura; Ensino Médio.

### **Introdução**

A questão motivadora deste trabalho tem início com o registro de que apesar dos mais de dez anos da promulgação da Lei nº 10.639/2003 que trata da obrigatoriedade do ensino da temática História e Cultura Afro-Brasileira no currículo oficial das escolas, ainda há uma ausência de materiais didáticos para a disciplina Língua Portuguesa que apresentem escritoras e escritores negros para alunos do ensino médio (PEIXOTO, 2014).


Em função disso, desenvolvemos o projeto “**Vozes no Silêncio**: resgate de obras de autoras negras brasileiras para aulas de literatura” e destacamos os trabalhos de Maria Firmina (Úrsula, 1959; A Escrava, 1887) e Carolina de Jesus (Quarto de despejo, 1960), para serem apresentados, lidos e discutidos com alunos do Ensino Médio, na Educação de Jovens e adultos, do Centro de Ensino Cruzeiro do Sul, turno noturno, localizado na vila Mauro Fecury II, na cidade de São Luís, Maranhão.

O Projeto foi financiado pelo Edital n. 38/2005 - Geração Ciência, da Fundação de Amparo a Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão – FAPEMA, no período de agosto de 2016 a julho de 2017, e contou com duas bolsistas de Iniciação Científica Júnior.

As autoras foram escolhidas por percebermos a presença de um discurso de denúncia e crítica às condições de vida de homens e mulheres negros que apresentam

---

<sup>1</sup>Graduado em Letras e Mestre em Ciências Sociais pela UFMA, Professor da Secretaria de Educação do Estado do Maranhão, Bolsista da Fundação de Amparo a Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão – FAPEMA. E-mail: [renatokerly@yahoo.com.br](mailto:renatokerly@yahoo.com.br).



muitas semelhanças, apesar dos cem anos que separam as publicações das autoras. Os negros que viviam nas senzalas, descritos por Maria Firmina, viram os negros favelados que Carolina Maria de Jesus registra em seu diário, denunciando a situação de homens e mulheres negros como sujeitos marginalizados em nossa sociedade.

Além do resgate dos textos escritos por estas mulheres que compõem importantes registros da literatura afro-brasileira (DUARTE, 2008), destacamos a necessidade de utilizá-los em sala de aula, para fomentarmos questionamentos sobre problemas sociais que marcam as experiências de vida em nossa sociedade e ultrapassam os limites históricos em que foram produzidos, no caso de Maria Firmina dos Reis, a São Luís escravocrata do século XIX, e no caso de Carolina Maria de Jesus, a metrópole paulista dos anos de 1950.


Os problemas presentes nos textos: a pobreza, o subemprego, a violência contra as mulheres, entre outros, são comuns ao contexto em que os alunos do Centro de Ensino Cruzeiro do Sul estão inseridos. A escola está localizada na Vila Mauro Fecury II, na região Itaqui-Bacanga, área marcada por altos índices de violência e alta taxa de famílias com baixa renda.

### **Mulheres e literatura**

Desde a emergência do Feminismo, no século XIX, como forma de crítica à divisão social do trabalho a partir da dicotomia Homens x Mulheres, muitas mulheres têm questionado as razões da ausência da mulher da posição de produtora de literatura, sobrando-lhes, nos caso das mulheres que tinham acesso à leitura e à escrita, apenas a posição de leitoras (BRANCO, 1991).

É preciso destacar que, no contexto brasileiro do século XIX e início do século XX, o acesso à educação de mulheres, mesmo nos extratos econômicos médios e altos, era bastante restrito. O pouco acesso de mulheres ao mundo das letras e à função de escritoras gerou um limitado número de autoras de destaque.

Ao pensar um projeto que traz as escritoras Maria Firmina dos Reis (1825-1917) e Carolina Maria de Jesus (1914-1977) para aulas de literatura do Ensino Médio, pretendemos extrapolar a análise estética de suas obras e propor a análise do texto a partir de recortes de Gênero, Raça e Classe Social. Ao perceber o apagamento de suas obras, é preciso destacar que as duas escritoras estavam inseridas nos extratos mais pobres da sociedade brasileira, eram mulheres negras em uma sociedade onde a



escravidão era legalmente permitida (no caso de Maria Firmina) e o racismo servia como base para distinção que estabeleceu uma assimetria entre sujeitos brancos e negros (para as duas escritoras).

### **Livros didáticos, escritoras negras e os estudos de gênero**

Ao analisar os livros que tratam sobre a literatura brasileira, é facilmente percebido o reduzido número de mulheres citadas, dentre elas, as mulheres negras beiram a inexistência. Que significados esse silêncio pode representar? Mulheres negras não escrevem? Não têm nada relevante pra contar?


O silenciamento dessas vozes parece ter o efeito de produzir um mundo onde apenas uma parcela da população tem histórias que devam ser preservadas. Mas como entender isso em uma sociedade como a nossa, na qual mulheres e homens negros têm colaborado de forma intensa na nossa formação cultural e histórica?

Apesar de não ser um processo recente, a busca pela inclusão de escritores(as) negros(as) no material didático, no Brasil, caminha a passos lentos (JESUS, 2012). No que diz respeito ao que é ensinado nas escolas e nos materiais didáticos utilizados ainda permanecem muitas lacunas, mesmo com a promulgação da Lei nº 10.639/2003, que trata do ensino da Cultura e História Africana e Afro-brasileira nas escolas, ainda há um grande caminho a ser percorrido.

A título de exemplo, apresento alguns detalhes sobre o livro utilizado no Centro de Ensino Cruzeiro do Sul para trabalhar a disciplina de Língua Portuguesa, para a Educação de Jovens e Adultos. O livro didático utilizado integra a Coleção Viver, Aprender, da editora Global. Foi selecionado pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) do Ministério da Educação, via Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE).

A coleção é composta por três volumes que realizam a divisão das áreas de conhecimentos indicados pela Lei 9.394/1996 (Lei de diretrizes e bases da educação nacional). Em função disso, os conteúdos de Língua Portuguesa estão juntos com as disciplinas da área “línguas e suas tecnologias” (artes, línguas estrangeiras e educação física).

É importante ressaltar que os conteúdos de Língua Portuguesa presentes neste livro privilegiam uma diversidade de gêneros textuais e a História da literatura brasileira, apresentando muitas poesias e trechos de livros de autores canônicos como



José de Alencar e Machado de Assis, dentre vários outros. A organização dos conteúdos literários tenta fugir da divisão por escolas literárias e apresenta textos contemporâneos junto a textos clássicos em que pode-se perceber relações de intertextualidade com os textos canônicos. Esse rompimento fica mais claro quando são abordados autores do Romantismo, pois no livro não aparecem classificações como primeira, segunda ou terceira geração romântica. Assim, apesar de dividir esse conteúdo em três partes, eles são apresentados priorizando características como as visões sobre: indígenas, negros e os romances urbanos.

De um total de setenta e dois (72) escritores citados no livro didático, observamos a presença de apenas seis mulheres: Lygia Fagundes Telles; Hilda Hilst; Almerinda Castilho; Clarice Lispector; Gilka Machado e Ana Aly. Menos de dez por cento do total.


Alguns dos escritores citados no livro foram apresentados por uma pequena biografia e alguns comentários sobre suas obras. Nesse caso, vinte e cinco (25) escritores tiveram sua biografia apresentadas. Entre eles, apenas duas mulheres, foram citadas: Lygia Fagundes Telles e Clarice Lispector.

Entre os setenta e dois escritores citados, apenas dois são descritos como negros (o termo utilizado é mestiço): Machado de Assis e Lima Barreto, menos de 4% dos autores apresentados. Além deles, alguns escritores negros estão presentes, Gilberto Gil é um importante exemplo, mas não há imagens dele, nem referências à cor da sua pele.

Observamos que o livro didático reproduz um silêncio de escritores negros e mulheres, algo que é comum nos livros didáticos brasileiros como aponta Peixoto (2010). Isso, mostra a necessidade de falarmos mais sobre escritoras negras da literatura brasileira.

O referencial teórico que serve de ponto de partida para a realização deste trabalho tem por base os Estudos de Gênero. Esta escolha leva em consideração a ideia de que as distinções estabelecidas entre homens e mulheres, produzindo hierarquias que diferenciam os sujeitos a partir da inserção dos mesmos em classificações do tipo: homem ou mulher, são histórica e socialmente construídas (SCOTT, 2005). Além disso, essas classificações são constantemente atualizadas por discursos formulados por sujeitos e instituições, as mais diversas possíveis (BUTLER, 2003).

Trabalhos compreendidos nesta área de estudos registram que o número limitado de mulheres na literatura não estão associados a uma inaptidão para a escrita, e sim ao



acesso limitado de mulheres à educação, principalmente, até a primeira metade do século XX. Para Constância Lima Duarte (1997), o esquecimento dos trabalhos literários escritos por mulheres, e a análise destes como textos de menor qualidade estão relacionados aos contextos histórico/sociais que construíram um ideal de mulher subalternizado. E, além disso, em função da não participação/exclusão de mulheres em atividades relacionadas ao reconhecimento literário. Um desses indicadores pode ser observado no fato de que “a única modalidade de texto não praticado pelas mulheres até meados do século 20 foi justamente a crítica literária” (DUARTE, 1997, p. 91).

O “esquecimento” que recai sobre a obra de muitas escritoras não deve ser entendido como casual. Devemos destacar que os eventos que colaboram para o reconhecimento de um autor dependem de um intrincado jogo de relações que extrapolam as questões estéticas. Como analisa Bourdieu (1996), o processo de reconhecimento de um autor e de sua consagração no campo literário dependem da articulação de vários capitais. Relações de amizades, ocupação de cargos públicos, ou reconhecimento de uma elite intelectual, poderiam facilitar o reconhecimento de um autor e o esquecimento de outro.

É difícil imaginar que esse conjunto de relações estaria acessível à uma mulher negra que trabalhava como professora no interior da província do Maranhão e que tinha como uma de suas principais temáticas a luta pelo fim da escravidão em uma terra que dependia essencialmente da mão de obra escrava, como foi o caso de Maria Firmina dos Reis.

No caso de Carolina Maria de Jesus, outros elementos devem ser destacados. Catadora de lixo e tendo apenas dois anos de estudo formal, a escritora tornou-se um fenômeno editorial no ano de 1960. Após a publicação de “Quarto de Despejo: diário de uma favelada” ela vendeu mais de cem mil exemplares, teve seu diário traduzido para mais de treze idiomas e foi vendido em mais de 40 países.

O texto realista de Carolina expôs, como poucos, a realidade miserável da autora e da favela do Canindé, onde ela vivia. Santos (2009) destaca que a rapidez com que Carolina foi esquecida pode estar associada ao contexto político brasileiro após o golpe de estado de 1964, pois, mesmo em seus livros publicados após “Quarto de Despejo”, havia uma forte crítica social, o que não era muito apreciado pelo regime vigente.

### **A experiência em sala de aula**

Ao apresentar textos das autoras destacadas, intentamos ampliar as referências literárias oferecidas aos estudantes do ensino médio do C.E. Cruzeiro do Sul, acrescentando ao conjunto de textos de autores canônicos como Machado de Assis, José de Alencar, Mario de Andrade, Jorge Amado, dentre tantos outros, as narrativas de autoras negras.


Nesse contexto, as obras de Maria Firmina (Úrsula, 1959) e Carolina de Jesus (Quarto de despejo, 1960), apresentam um discurso de denúncia e crítica às condições de vida de homens e mulheres negros, e representam uma relevante face dos textos produzidos por mulheres negras na literatura brasileira.

Os problemas sociais apresentados nos textos: a pobreza, o subemprego, a violência contra as mulheres, entre outros, são comuns no contexto em que os estudantes estão inseridos. A escola está localizada em uma área marcada por altos índices de violência e alta taxa de famílias com baixa renda. A temática das obras visava despertar questionamentos sobre os problemas sociais presentes na área e compreendê-las como eventos perpassados por uma carga histórica, política e social, distanciando os alunos de interpretações que vêem a pobreza e a violência como situações naturais e apresentando a sociedade brasileira como desigual, sobretudo para afrodescendentes.

Nas atividades desenvolvidas em sala de aula, os textos das autoras foram utilizados em diversos momentos: na discussão sobre variações linguísticas e os pré-conceitos que as cercam; nas análises da linguagem formal e linguagem coloquial; e para compreensão as distinções entre tipologias textuais e gêneros textuais, como romance, novela, conto e diário.

Além das atividades realizadas em sala de aula, no período de 14 de setembro de 18 de novembro de 2016, os alunos do C.E. Cruzeiro do Sul, turno noturno, realizaram o Projeto de Leitura “Um passeio pelas obras das escritoras negras: Carolina Maria de Jesus e Maria Firmina dos Reis”. A vida e textos dessas duas escritoras foram pesquisados e lidos em todas as cinco turmas da escola.

Os textos lidos junto com os alunos foram: Gupeva (1861), Úrsula (1859) e A escrava (1887) de Maria Firmina dos Reis; Quarto de despejo: diário de uma favelada (1960) e Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada (1961). Dessa forma, o projeto



que pretendia envolver, inicialmente, cinquenta alunos, conseguiu contemplar, aproximadamente, cento e trinta alunos.

A apresentação final do projeto foi realizada no dia 18 de novembro, próximo ao dia dedicado à Consciência Negra (21 de novembro). Durante a apresentação os alunos realizaram encenações, citaram trechos das obras das autoras, e falaram sobre a vida e obra delas, destacando a importância de suas obras para a literatura brasileira.

Com o projeto de leitura conseguimos apresentar as autoras e suas obras, e orientamos nossos estudantes à reflexão sobre os problemas sociais discutidos nos textos e na comunidade onde a escola está inserida.

Apesar dos distintos momentos em que foram escritos e dos diferentes gêneros textuais apresentados, há importantes pontos de contato entre as obras das autoras. A denúncia da violência a que os negros foram submetidos e a opressão da mulher que Maria Firmina dos Reis apresentava, repercutem na *vieiras e barracos da Favela do Canindé* que Carolina Maria de Jesus registrou.


Perceber que os problemas sociais descritos por estas escritoras ainda permanecem em nossa sociedade nos mostra a necessidade de seu questionamento em sala de aula, com o objetivo de oferecer uma formação crítica aos estudantes, sobre tais problemas. Além disso, destacamos a necessidade de conexão entre disciplinas como História, Sociologia e Filosofia para um melhor resultado no ensino de literatura.

### **Referências Bibliográficas**

ALMEIDA, Neide Aparecida de, et al. *Linguagens e Culturas: linguagens e códigos: ensino médio: educação de jovens e adultos*. (Coleção Viver, Aprender). 1.ed. São Paulo: Global, 2013, 512p.

BOURDIEU, Pierre. *As Regras da Arte: gênese e estrutura do Campo Literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 2003.



DUARTE, Constância Lima. *O Cânone Literário e a autoria feminina*. In: Gênero e Ciências Humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.

DUARTE, Eduardo de Assis; FONSECA, Maria Nazaré Soares (Org.). *Literatura e Afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

DUARTE, Eduardo de Assis. *Literatura afro-brasileira: um conceito em construção*. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, v. 1, p. 11-24, 2008.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Ática, 1993.

JESUS, Fernando Santos de. *O “Negro” no livro didático de história do Ensino Médio e a Lei 10.639/03*. História & Ensino, Londrina, v. 18, n. 1, p. 141-171, jan./jun. 2012.

PEIXOTO, Fabiana de Lima. *Afrobetizar: uma análise das relações etnico-raciais em livros didáticos de literatura*. Interdisciplinar: revista de estudos em língua e literatura. v. 11, p. 377-390. 2010.

\_\_\_\_\_. *Africanidades e relações raciais: insumos para políticas públicas na área do livro, leitura, Literatura e bibliotecas no Brasil*. 1.ed. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2014.

REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula; A Escrava*. Ed. Mulheres: Florianópolis, 2004.

SANTOS, Joel Rufino dos. *Carolina de Jesus: uma escritora improvável*. Rio de Janeiro: Ed. Garamond, 2009.

SCOTT, Joan S.. *Gênero: uma Categoria útil para a análise histórica*. Disponível em: [http://www.dhnet.org.br/direitos/textos/generodh/gen\\_categoria.html](http://www.dhnet.org.br/direitos/textos/generodh/gen_categoria.html), acessado em 07.nov.2005.